

# O lançamento do sonho

## Choque chega para acabar com inflação

N O dia 14 de fevereiro de 1986, o presidente José Sarney estava decidido a aplicar um certo choque econômico heterodoxo que, segundo um grupo de economistas jovens, a maioria batizada há menos de um ano na burocracia, haveria de eliminar a inflação. Neste mesmo dia em que empossara o novo ministério, Sarney ouviu de seus ministros Dilson Funaro e João Sayad relatos que davam a inflação como praticamente fora de controle, já transbordando dos 15% mensais.

Três dias depois, o grupo de economistas, que mais tarde seriam chamados de "os pais do Cruzado", reuniu-se em Brasília na casa de Dilson Funaro. Relator do grupo, Pêrsio Arida, então assessor de Sayad, fez um resumo do plano. No item sobre o sistema de preços pós-reforma, vinha escrita uma recomendação expressa:

— É muito importante enfatizar que não se trata de congelamento

„ O sistema previa que o governo or-

questraria uma "dança de preços". Administraria altas e baixas divulgando sucessivas listas de preços máximos acompanhando as variações do mercado de tal forma que o resultado sempre fosse um índice de inflação perto de zero. Seis dias depois, no domingo 23 de fevereiro, o grupo voltou a se reunir em São Paulo no apartamento de Luiz Gonzaga Belluzzo, assessor de Funaro. O nome cruzado ainda não estava escolhido. No dia seguinte Sarney receberia os economistas numa reunião secreta no Palácio do Alvorada.

Os economistas ainda estavam desconfiados da eficácia do sistema de preços que propunham. Era uma forma de "engessar" a economia, expressão cunhada por Belluzzo. Arida e André Lara Resende, então diretor do Banco Central, tinham textos publicados nos quais atacavam o congelamento. Foram eles os encarregados de fazer a exposição a Sarney. Terminado o relato, Sarney pediu avaliações. Sayad então comentou:

— Presidente o programa está bem. É sólido, tem consistência econômica. Mas é coisa de economista, muito sofisticado, técnico. Falta charme popular.

— Não falta não Sayad, respondeu Sarney. O charme é o congelamento. É o que todo mundo está querendo.

Referiu-se, então, a pesquisas de opi-

nião, nas quais a população identificava, de longe, a "carestia" como o maior problema. Alguns ali tentaram, timidamente, avançar comentários sobre os dilemas do "engessamento", mas o presidente estava firme:

— Sem congelamento esse programa não funciona, encerrou o debate.

Foi mais longe. Na manhã de 28 de fevereiro, quando anunciava o Cruzado no país, o presidente saiu do texto escrito de seu discurso e, olhando firme para as câmaras, conclamou cada brasileiro a se tornar um fiscal do presidente.

O sucesso imediato do programa e a ação fulminante dos fiscais pareciam dar razão ao presidente. O congelamento era o charme do programa. Mais que isso, era o carro-chefe. Assim, o que para os economistas era um mal necessário e provisório havia se transformado na essência da reforma. Alarmado, ainda em março Sayad atribuiu a Pêrsio Arida uma tarefa específica: "Você vai preparar as regras do descongelamento. E rápido". Funaro foi ao Congresso dizer que o congelamento era temporário, limitado, talvez, a uns 90 dias. Foi ao presidente mas ouviu uma recomendação taxativa: "Vamos parar com essa história de descongelar. Politicamente, é necessário sustentar o congelamento". Terminou assim o primeiro impasse do Cruzado.